



Resistentes antifascistas temos de ser todos

A URAP tem desenvolvido um intenso trabalho ao longo dos últimos anos no sentido da preservação da memória histórica da luta antifascista, das conquistas da Revolução de Abril e de ganhar novos defensores para esta causa justa e atual.

Assim fez, pelas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, com a realização de centenas de iniciativas, com particular destaque para as sessões realizadas nas escolas, sobre o tema “25 de Abril nas Escolas”, envolvendo cerca de 35 000 alunos e centenas de escolas e professores, no continente e ilhas.

Assim está a fazer, pelos 50 anos da criação da União de Resistentes Antifascistas Portugueses, sublinhando o papel dos milhares de antifascistas e suas famílias e dos mais de 34 000 presos políticos, nas lutas e resistência sempre na linha da frente, contra o regime fascista.

Hoje, continuamos juntos na luta dos trabalhadores que derrotaram o pacote laboral, dos que combatem o aumento do custo de vida, lutam por melhores salários e pensões, por melhores serviços públicos, melhor acesso à saúde e à escola pública, contra a crise na habitação. “A paz, o pão / habitação / saúde, educação / Só há liberdade a sério quando houver / Liberdade de mudar e decidir”

Somos solidários e apelamos à participação activa nas iniciativas pela Paz e Solidariedade entre os povos; pelo fim da ocupação e do genocídio do povo palestino,

por uma Palestina livre e independente; pelo Sahara Ocidental livre e soberano; pelo povo cubano - “Todos por Cuba”.

A URAP alarga o âmbito daqueles que envolve nas suas iniciativas, em particular nos Encontros da URAP sobre o Trabalho nas Escolas que decorrerem nos meses de Setembro, Outubro e Novembro, na continuidade do que foi realizado em Lisboa a 7 de Março de 2026; nos encontros a Norte, no Porto, a Sul, em Évora, e no Centro, em Coimbra, que envolvem várias organizações, mais professores e alunos.

A URAP avançou com mais de uma dezena de Conferências, que ainda decorrem por todo o país, sobre os «90 Anos do início da Guerra Civil de Espanha».

Realizaremos uma deslocação a Cabo Verde, de 26 de Outubro a 2 de Novembro, com destaque para a visita ao ex-campo de concentração do Tarrafal, para assinalar os 90 anos da sua abertura.

Prossegue o trabalho preparatório para a produção e lançamento de livros com base na investigação na Torre do Tombo e outras fontes, entre os quais: “Vencedores”, sobre as condições de vida e resistência no campo de concentração do Tarrafal; o papel dos Médicos na resistência ao fascismo; os Advogados e o seu papel na resistência; entre outros.

Receberemos em Lisboa o XX Congresso Ordinário da FIR, que ocorrerá de 6 a 8 de novembro de 2026. Um dos temas em debate será «Como podemos desenvolver redes antifascistas e conquistar as próximas gerações?».

A Federação Internacional de Resistentes (FIR) - Associação de Antifascistas, tem actualmente, associações membros, incluindo a URAP, em mais de vinte e cinco países europeus e em Israel. Com base na luta comum contra o fascismo, a FIR e as suas associações membros defendem hoje a paz, os direitos humanos políticos e sociais e a democracia.

A existência da URAP hoje não é simples memória histórica, mas uma necessidade política e moral actual, na luta por mais

justiça na nossa democracia e contra o recrutamento da extrema-direita e do fascismo.

Por isso condenamos, uma vez mais, a intenção da criação do museu de apologia ao fascismo, agora com a denominação de Centro Interpretativo do Estado Novo, em Santa Comba Dão e alertamos, para que não haja qualquer ilusão relativa aos objectivos da instalação deste Centro, mesmo pelo local escolhido.

Por mais desculpas ou explicações que pretendam justificar tal iniciativa, este projecto, presta-se objetivamente, a reactivar e ressuscitar o mito de uma falsa imagem do ditador fascista.

Movimentos de extrema-direita estão ganhando força na Europa e em muitos países ao redor do mundo. Ao mesmo tempo, a relativização da história também está em ascensão e importa reconhecer claramente, que as formas modernas de fascismo não se manifestam necessariamente em uniformes e com suásticas. Actualmente, o discurso de ódio é frequentemente disseminado pelas redes sociais, em propaganda política ou mesmo sob a forma de teorias da conspiração.

Lembremo-nos que a luta contra o fascismo não é um capítulo encerrado da história, mas uma das tarefas democráticas mais importantes do presente e do futuro. Cresce o número daqueles, em particular jovens, que não querem este estado de coisas e o avanço da extrema direita.

A geração de participantes na resistência antifascista está gradualmente desaparecendo. Uma das questões mais importantes nos próximos anos será, portanto, como as gerações actuais se podem envolver na preservação da memória antifascista e na protecção dos valores democráticos.

Resistentes antifascistas temos de ser todos, para impedir o avanço da extrema direita e salvaguardar o 25 de Abril.

Abril, Abril Sempre – Resistir e Lutar!

25 de Abril Sempre, Fascismo Nunca Mais!

URAP: 50 anos de luta e resistência antifascistas

Os 50 anos da URAP foram assinalados em todo o País, com destaque para o concerto realizado em Lisboa, na Voz do Operário - Págs. 5 a 8

URAP prepara intervenção nas escolas - Pág. 2

Conferências sobre a Guerra Civil de Espanha - Pág. 3

Museu Santa Comba Dão: porque se insiste no mito e em ressuscitar o ditador?

A URAP denunciou o anúncio da abertura, em Outubro, do chamado “Centro Interpretativo do Estado Novo - Regime e Resistência, em Santa Comba Dão. A primeira iniciativa deste “Centro”, uma exposição, segue-se ao protocolo firmado em Fevereiro de 2025 entre a Câmara Municipal e o Arquivo Ephemera. A URAP lembra que a autarquia «negociou com a família de Salazar espaço, objectos pessoais, artefactos e compensações, envolvendo consideráveis verbas, e que a Direção Geral da Cultura enviou para Santa Comba Dão duas grandes estátuas de Salazar, que certamente não serão destruídas».

A URAP lembra a longa luta que - com a população de Santa Comba Dão, de inúmeros democratas, entre os quais

historiadores, de ex-presos políticos e seus familiares e de posições da Assembleia da República - tem sido travada para afastar este propósito na terra onde nasceu o ditador Salazar. A instalação deste “Centro” na Escola Cantina Salazar, no Vimieiro, «a poucos metros da casa onde nasceu o ditador, só servirá para avivar o mito do estadista do fascismo e para desculpabilizar os seus crimes. É por isso lamentável que agora outros reconhecidos historiadores não tenham em conta esta luta de muitos anos».

A escolha do local, considera a URAP, «só servirá para suavizar, branquear e desculpabilizar as criminosas responsabilidades do ditador e do regime fascista». A História do fascismo deve ser estudada e divulgada, mas não em Santa



Comba Dão. «Que se criem mais museus como o do Aljube, em Lisboa; o Museu Nacional da Resistência e Liberdade (MNRL), na Fortaleza de Peniche.»

A nota pode ser lida na íntegra em www.urap.pt.

Encontros da URAP sobre o Trabalho nas Escolas

A Comissão da URAP para o Trabalho nas Escolas promove nos próximos meses de Setembro, Outubro e Novembro os “Encontros sobre o Trabalho nas Escolas”, que dispõem de três comissões específica para cada sessão. O Encontro a Norte decorrerá no Porto, na Universidade Popular do Porto, no dia 12 de Setembro; a Sul será em Évora, a 28 de Novembro; e no Centro a 14 de Novembro em Coimbra.

Os três Encontros terão como temas comuns um balanço da intervenção da URAP na região, sua importância e características, os problemas com que se confronta, as linhas do

projecto para o futuro e o reflexo da intervenção da URAP nas escolas e sua importância.

Em Coimbra, serão igualmente debatidos aspectos da resistência antifascista na região e a sua relevância: o presos políticos na região, a luta dos estudantes em Coimbra - crise de 62 e de 69 -, lutas desenvolvidas na região e reflexo nas populações.

No Porto, discute-se igualmente a resistência antifascista na região e os aspectos mais relevantes - Museu da Resistência do Norte, uma história de vida ligada à resistência antifascista e ao 25 de Abril -, a importância do trabalho com os professores, experiência ligada a uma acção de formação para professores no quadro do Plano Nacional de Educação.

Em Évora, para além dos temas comuns junta-se a resistência antifascista na região do Alentejo e o 25 de Abril de 1974.

Cada Encontro contará com 20 intervenientes e as intervenções temáticas serão proferidas por diversos convidados.

Os núcleos da URAP de cada região, representantes de Universidades Séniores, directores de escolas, historiadores, professores, movimento sindical, autarcas, e a JCP estarão entre os convidados. A URAP faz-se representar nos três Encontros por vários membros da Direção Nacional, do Conselho Diretivo e da Comissão Executiva.

“O Relâmpago” visita o Museu do Aljube

O coordenador da URAP, José Pedro Soares, acompanhou a Associação Desportiva e Recreativa “O Relâmpago” numa visita guiada, dia 1 de Agosto, ao Museu do Aljube Resistência e Liberdade, destacando a importância de preservar a memória e passá-la às novas gerações. José Pedro Soares comentou as diversas exposições patentes no Museu do Aljube, e em nome de “O Relâmpago” usaram da palavra Euprémio Scarpa, presidente do clube, e João Jorge, da secção de Atletismo. No final da visita, as dezenas de participantes realizaram uma corrida pelas ruas de Lisboa.



URAP nas feiras de Avis e Grândola e na Feira do Livro de Aveiro

A URAP esteve presente, com espaços próprios, na Feira Franca de Avis, que decorreu entre 24 e 26 de Julho, e na Feira de Agosto, em Grândola, de 27 a 31 de Agosto. Na Feira do Livro de Aveiro, realizada durante o mês de Agosto, a URAP promoveu uma palestra com Jorge Seabra sobre os direitos conquistados com a Revolução de Abril e a luta pela sua defesa.

URAP

URAP

Propriedade e edição da
**UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS
PORTUGUESES**

Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**

REDACTORA **LUÍSA TITO DE MORAIS**

PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

AVENIDA ENGENHEIRO ARANTES E OLIVEIRA, 1, SL, LOJA C

1900-221, LISBOA • TELEFONE 213 576 083

DEPOSITO LEGAL: 357338/18

Várias conferências nos 90 anos da Guerra Civil de Espanha

O início da Guerra Civil de Espanha (1936-39) foi há 90 anos. Um conflito que fez milhares de mortos entre os combatentes espanhóis e brigadistas internacionais, entre os quais muitos portugueses, e que terminou com a vitória dos fascistas de Francisco Franco e uma ditadura que durou até 1975.

Durante três anos, estima-se que houve 175 mil mortos na zona franquista e 110 mil na zona republicana. Dos cerca de 350 mil voluntários, das Brigadas Internacionais de 50 países, 15 mil terão morrido.

A Guerra de Espanha, nomeadamente as suas causas, continua a ser estudada por inúmeros especialistas e há uma enorme produção sobre o tema e muitas são também as razões evocadas pelos historiadores para a vitória da facção do general Francisco Franco. Destacam-se o forte apoio da Alemanha nazi e da Itália fascista, entre outros países, como Portugal - com Salazar a fornecer material, apoio logístico, informativo e diplomático. O Reino Unido e a França optaram pela não participação,



o que causou enormes dificuldades aos republicanos privados de financiamento, armamento e até alimentos. A desigualdade era abismal.

Placa de homenagem aos portugueses que lutaram na Guerra Civil de Espanha e na resistência francesa descerrada no Museu de Peniche



O Museu Nacional da Resistência e Liberdade (MNRL) tem, desde 27 de Junho, uma placa que homenageia os “Portugueses que lutaram contra o Fascismo na Guerra Civil de Espanha (1936/39) e contra o Nazismo na resistência em França (1939/45)”, descerrada no Forte de Peniche durante uma sessão comemorativa.

As organizações promotoras da cerimónia – Associação 25 de Abril, União de Resistentes Antifascistas Portugueses, Museu do Aljube Resistência e Liberdade, Museu Nacional da Resistência e Liberdade, Associação Amigos do Museu Nacional da Resistência e Liberdade – convidaram Luís Farinha, investigador associado do Instituto de História Contemporânea (NOVA-FCSH), para fazer a fundamentação histórica dos acontecimentos.

Perante um auditório de cerca de 150 pessoas, Luís Farinha, que terminou a sua intervenção com o poema “Liberté”, de Paul Eluard, afirmou ser «em nome dos perseguidos, torturados e vilipendiados – mas também dos resistentes e dos insubmissos, que estamos hoje aqui reunidos. Lembraremos a injustiça a que foram sujeitos, mas também a coragem que revelaram no combate à besta fascista».

Quando passam 90 anos sobre o início da Guerra Civil de Espanha e



80 sobre o fim da II Guerra Mundial, «evocamos aqui a coragem dos que, sofrendo a injustiça, se ergueram contra a prepotência e a submissão», disse Luís Farinha, para recordar os portugueses e as portuguesas «que, perseguidos, ofendidos e mortos, lutaram por nós e pela causa da liberdade, contra os nacionalismos xenófobos e guerristas e contra a besta fascista, tanto em Espanha como em França, durante a guerra civil europeia, que bem depressa se tornou mundial».

A homenagem foi moderada por André Levy, que apresentou a mesa constituída por Aida Rechená, directora do MNRL, Vasco Lourenço, presidente da Associação 25 de Abril, Anabela Valente, directora do Museu do Aljube, César Roussado, do Conselho Directivo da URAP, e Álvaro Pato, presidente da Associação Amigos do MNRL, que usaram da palavra.

No final das intervenções houve um momento cultural. De seguida, os presente deslocaram-se para o Salão Nobre, onde após o Toque de Silêncio foi descerrada, por Aida Rechená e Vasco Lourenço, a placa comemorativa, seguida de Toque de Alvorada pelo músico Rogério Silva. Nela pode ler-se: “Aos Portugueses que lutaram contra o Fascismo na Guerra Civil de Espanha (1936/39) e contra o Nazismo na resistência em França (1939/45)”.

Conferências por todo o País

Para assinalar a data, os núcleos da URAP do Barreiro, com Dulce Simões (20 de Junho); Marinha Grande (10 de Julho); Serpa, com Moisés Caetano (3 de Julho); Seixal, com Moisés Caetano (4 de Julho); Lisboa, com José Hinojosa Durán (9 de Julho); Santarém, com Luís Farinha (10 de Julho); Montemor-o-Novo, com Dulce Simões (12 de Setembro), organizaram sessões, para as quais convidaram historiadores portugueses e espanhóis, para divulgar este acontecimento singular que teve repercussões também em Portugal e em todo o mundo.

URAP nas comemorações do 90.º aniversário da Revolta dos Marinheiros de 1936

A URAP esteve presente nas comemorações do 90.º Aniversário da Revolta dos Marinheiros de 1936, organizadas pelo Clube de Praças da Armada e pela Associação de Praças, com o apoio da Câmara Municipal de Almada e da Junta de Freguesia do Laranjeiro e Feijó, dia 12 de Setembro, no Centro Cívico do Feijó, concelho de Almada.

Luísa Tiago de Oliveira, doutorada em História Moderna e Contemporânea pelo ISCTE e Licenciada em História pela Universidade de Lisboa, foi a convidada de honra da comemoração deste ano. Gilberto Silva, antigo marinheiro e ex-preso político, representou a URAP, e fez a deposição de um ramo de flores no Monumento ao Marinheiro Insubmisso, memorial da Revolta de 1936. Em 2025 coube à URAP ser a convidada de honra. Na cerimónia, falou ainda um representante da Associação de Praças.

URAP condena detenção arbitrária do dirigente saaraui Naâma Asfari

A URAP exige a libertação imediata do cidadão saaraui Naâma Asfari, vice-presidente do Comité para as Liberdades e o Respeito pelos Direitos Humanos no Saara Ocidental (CORELSO), detido há 15 anos na prisão de Kenitra, em Marrocos.

A URAP apoia o parecer do Observatório para a Protecção dos Defensores dos Direitos Humanos, uma parceria entre a Organização Mundial contra a Tortura (OMCT) e a Federação Internacional dos Direitos Humanos (FIDH), que se manifestou «profundamente preocupado com a deterioração do estado de saúde de Naâma Asfari» desde que iniciou a greve de fome.

Naâma Asfari cumpre desde 8 de Junho uma greve da fome, a quarta, desta vez por tempo indeterminado, reivindicando a aplicação do parecer 23/2023 emitido pelo Grupo de Trabalho das Nações Unidas sobre a Detenção Arbitrária, que classificou a sua condenação como “arbitrária” e apelou ao Reino de Marrocos para a sua libertação imediata.

Naâma Asfari, que participava num acampamento, em Novembro de 2010, no sul da cidade de El Aiun, capital do Saara Ocidental ocupado, foi preso com mais 25 defensores dos direitos humanos, conhecidos sob a designação de “Grupo de Gdeim Izik” e condenado a uma pena de 30 anos de prisão, nomeadamente por

“associação ilícita” e “participação ou cumplicidade em atos de violência com premeditação que resultaram em morte” contra agentes das forças de segurança marroquinas. Dezoito pessoas continuam detidas.

A URAP está a dinamizar um abaixo-assinado pela sua libertação.



Antifascistas que nos deixaram



Encarnação Raminho, membro da Comissão Nacional da URAP, e activista da organização durante largos anos, morreu dia 7 de Julho, aos 83 anos, em Queluz.

Nascida em Vila Real de Santo António, a 30 de Abril de 1943, Encarnação Raminho interessou-se desde jovem por causas sociais e culturais. Era membro do Partido Comunista Português. Em Lisboa, trabalhou como professora primária e, mais tarde, na Caixa de Previdência (actual Segurança Social).

Na sua actividade de militante antifascista, participou activamente no Movimento das Cooperativas Livreas, nomeadamente na zona de Queluz, onde residia. Como empregada de escritório, foi dirigente da Secção da Previdência do Sindicato dos Empregados dos Escritórios. Integrou os trabalhos do Congresso de Aveiro de 1973, tendo apresentado ao Congresso, em conjunto com a sua colega Marília Villaverde, uma Tese sobre a “Mulher Empregada de Escritório”. Na campanha eleitoral de 1973, foi presa por exigir a libertação dos candidatos da oposição à Assembleia Nacional detidos.

Depois de reformada, foi activista da URAP, destacando-se na organização de várias iniciativas, nomeadamente numa visita guiada ao Campo de Concentração do Tarrafal, bem como nas sessões realizadas por ocasião da passagem da Tocha da FIR por Portugal. Como dirigente da URAP, participou, a convite da associação espanhola, numa Homenagem Internacional aos Brigadistas que lutaram na Guerra Civil de Espanha.



A médica ginecologista **Maria Purificação Araújo**, antifascista e sócia da URAP, morreu dia 22 de Julho, em Lisboa, aos 99 anos. Conhecida como a “Mãe do Planeamento Familiar”, foi uma defensora dos direitos da mulher e da interrupção voluntária da gravidez. Durante o fascismo prestou cuidados de saúde a mulheres clandestinas e após o 25 de Abril esteve sempre ao lado dos valores democráticos e da liberdade.

Como médica ginecologista e obstetra foi precursora da introdução de métodos contraceptivos e do planeamento familiar, e defendeu o incremento da saúde materno-infantil e da vigilância ginecológica. Dinamizou uma campanha contra a realização de partos em casa - em 1960 só 65% dos partos ocorriam nos hospitais -, e colaborou na dinamização do método psicoprofilático do parto sem dor, introduzido em Portugal pelos médicos obstetras Cesina Bermudes (1908-2001) e Pedro Monjardino (1910-1969).

Em 1966, foi galardoada com a Medalha de Serviços Distintos pelo Ministério da Saúde e, em 2008, com o grau de Ouro do mesmo prémio. Em 1998, no Dia Internacional das Mulheres, foi distinguida pela Ordem de Mérito. Em 2008, recebeu a Medalha de Ouro da Câmara Municipal de Lisboa, pelo seu trabalho no desenvolvimento dos serviços de planeamento familiar. Em 2014, foi galardoada com a Medalha de Mérito da Ordem dos Médicos.

50 anos de luta pela liberdade e a democracia

50 anos
URAP
Abril, Abril
Sempre
RESISTIR E LUTAR

A URAP está a celebrar 50 anos de vida e luta pela liberdade e a democracia, contra o fascismo assuma ele as formas que assumir. As comemorações tiveram o seu ponto alto a 26 de Setembro, num belo concerto na Voz do Operário, em Lisboa, de onde saiu a determinação e a confiança na capacidade do povo português em defender e concretizar os valores de Abril.

Concerto dos 50 na Voz do



O concerto dos 50 anos da criação da União de Resistentes Antifascistas do Operário, em Lisboa, com casa cheia – sócios, amigos, ex-presos – e a presença de José Pedro Soares, coordenador da URAP.

Com a apresentação do actor e biólogo André Levy que começou por fazer, simbolicamente, a leitura do preâmbulo dos primeiros estatutos da URAP e apresentou, em seguida, dois vídeos: o primeiro sobre a história da URAP, numa recolha da organização e realização de João Lopes, e o segundo com leituras de crianças da Voz do Operário destinadas à URAP

Seguiu-se um concerto, no qual actuaram Manuel Pires da Rocha (violino), Vanessa Borges (guitarra e voz) e Sofia Lisboa (voz), para interpretar músicas de Ary dos Santos, José Mário Branco, Fausto e Jorge Palma.

Com uma audiência muito participativa, ouviram-se palavras de ordem e o refrão da canção de Jorge Palma “Estrada para Andar”.

Por coincidir com as comemorações dos 90 anos do poeta José Carlos Ary dos Santos, o apresentador leu ainda o poema da sua autoria, “Aos mortos-vivos do Tarrafal”.

Coube ao coordenador da URAP, José Pedro Soares, no final da primeira



parte, a única intervenção da tarde. Depois de destacar que a URAP, ao longo deste ano, tem celebrado os 50 anos da sua criação através de comemorações levadas a cabo pelos núcleos espalhados pelo país, José Pedro Soares historiou a vida da organização. «A URAP surgiu há já 50 anos, na linha de outras experiências de comissões e movimentos unitários de luta, alguns anteriores ao 25 de Abril, como a Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, e outros constituídos já depois da Revolução, para responder a novas necessidades e exigências de intervenção e luta», afirmou.

Fazendo notar que o 30 de Abril de 1976, é «apenas cinco dias depois

da entrada em vigor da Constituição da República Portuguesa», o dirigente da URAP sublinhou que a organização tem, igualmente, celebrado os 50 anos da Lei Fundamental «nascida da Revolução de Abril, que integrou e consagrou os direitos e conquistas alcançados no decorrer do processo revolucionário que pôs fim ao regime fascista (...)».

Falando sobre a actividade da URAP, José Pedro Soares relatou os objectivos principais, como a valorização «da resistência antifascista, combatendo o esquecimento, a mentira, as deturpações da história e, nas últimas décadas, as políticas, ideias e projetos reaccionários da direita e

50 anos da URAP Operário



fascistas Portugueses (URAP) decorreu, dia 26 de Setembro, na Voz
políticos, combatentes pela liberdade - e contou com uma interven-



da extrema-direita. (...) foi o duro o longo caminho para a liberdade, que mobilizou sucessivas gerações de jovens, homens e mulheres, entre os quais as dezenas de milhares que o fascismo prendeu, espancou e torturou, e as mais de duas centenas que assassinou. Uma história que não podemos deixar esquecer e que a URAP assumiu o compromisso de honrar, homenagear e divulgar», disse.

José Pedro Soares elencou as principais iniciativas que a URAP desenvolveu ao longo dos anos, com especial relevo para o «Projeto Alfredo Caldeira nos arquivos à guarda da Torre do Tombo e no Arquivo Militar, com a pesquisa e o

levantamento, um a um, dos nomes dos antifascistas que, durante os 48 anos, entre 1926 e 1974, passaram pelas sinistras cadeias do fascismo».

«Em resultado desse trabalho, a URAP tem elaborado e produzido um conjunto de livros com os nomes e muita outra informação. Alguns destes livros contam já com diversas edições. A este espólio juntou-se agora uma nova coleção temática, os “Cadernos da URAP”, que conta já com dois títulos publicados (...)», asseverou.

«Neste encontro de hoje, podemos também anunciar um novo livro: ‘Vencedores – Tarrafal 90 anos’, um livro que es-

tará disponível dentro de dias para assinalar a chegada, em 29 de outubro de 1936, da primeira leva de 151 presos ao Campo de Concentração do Tarrafal», garantiu.

O coordenador da URAP anunciou o programa de iniciativas que a URAP tem para os próximos tempos, destacando, entre outros, o Monumento/Memorial, junto à antiga Cadeia de Caxias, «um painel em azulejo, que reproduz a pintura de Graça Morais, e ao longo do restante espaço, gravados, um a um, os nomes dos mais de 10 mil presos da PIDE, homens e mulheres, que entre 1936 e 1974 passaram pela temida Cadeia de Caxias».

O trabalho junto das novas gerações foi igualmente destacado pelo orador, que sublinhou o contacto com «as escolas dos diferentes ciclos de ensino, nos encontros, palestras, conversas, por vezes, em salas de aula ou bibliotecas escolares, para algumas turmas, e outras vezes, em auditórios e pavilhões que se enchem, com centenas de alunos e dezenas de professores» (...) «Só nos últimos três anos, ainda no âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, a URAP realizou mais de 600 sessões em escolas no Continente e Regiões Autónomas.»



O dirigente da URAP lembrou que «o fascismo não foi definitivamente derrotado. Pelo contrário, assistimos ao crescimento e à proliferação, em Portugal, na Europa e no mundo, de movimentos, grupos e partidos de extrema-direita de ideologia fascizante».

Depois de afirmar que a URAP dispõe de melhores condições para desenvolver a sua actividade com a inauguração de uma nova sede, em Lisboa, a 30 de Abril passado, José Pedro Soares abordou a grave situação internacional «em que, cada vez mais, os interesses económicos e geoestratégicos do imperialismo se confrontam com os interesses dos povos, enquanto a resolução dos conflitos pela negociação é adiada, evitada ou simplesmente não procurada».

«Ao celebrar 50 anos, a URAP reafirma o seu histórico propósito de firme

intervenção no combate antifascista e, lado a lado, com outras organizações e movimentos, empenhada e envolvida na luta contra a guerra e em defesa da paz e na solidariedade com os povos vítimas do imperialismo», disse.

A segunda parte do concerto de aniversário iniciou-se com o poema “Madrugada”, de Sophia de Mello Breyner Andresen. André Levy, no meio dos aplausos da assistência, recitou: «Esta é a madrugada que eu esperava/o dia inicial inteiro e limpo/onde emergimos da noite e do silêncio/e livre habitamos a substância do tempo».

Seguiu-se o Coro Lopes Graça, dirigido pelo maestro Alexandre Weffort, que ofereceu à URAP, através de José Pedro Soares, um elemento escultórico, feito por um elemento do coro, pelo aniversário da organização.

O coro cantou um grande reportório de músicas, muitas vezes seguidas pela assistência. As duas últimas foram dirigidas pelo maestro José Robert, a quem Alexandre Weffort passou a batuta num gesto muito emotivo.

A actuação terminou com o “Acordei”, seguido de “Grândola Vila Morena” de José Afonso, cantada por todo o salão.

Para finalizar, os presentes cantaram os “Parabéns a você”, com a melodia da Internacional, e foi aberto e distribuído um bolo de aniversário.

Na iniciativa, fizeram-se representar: Associação de Amizade Portugal-Cuba, CPPC, InterJovem da CGTP/IN, ID - Intervenção Democrática, InterReformados da CGTP/IN, Jornal Avante!, PCP, PEV, Revista Seara Nova, União dos Sindicatos de Lisboa da CGTP/IN.

Núcleos da região alentejana festejam



O 50.º aniversário da URAP foi celebrado, dia 21 de Junho, por diversos núcleos da URAP da região do Alentejo, com a participação de 140 pessoas. A festa, que decorreu no Centro Comunitário do Canal Caveira-Grândola, foi organizada pelos Núcleos de Grândola, Alcácer do Sal, Santiago do Cacém, Sines, Litoral Alentejano, e ainda pela Associação Sócio Cultural Aldeia Nova de S. Lourenço-Canal Caveira (ASCANSLCC), com o apoio do Município de Grândola e da União de Freguesias de Grândola e Santa Margarida da Serra.

Para além do coordenador da URAP, José Pedro Soares, entrevistaram Aprígio Sousa, Eulália Miranda, Manuel Candeias, Manuela Bernardino e Xico Braga. Simultaneamente foi apresentado um powerpoint com fotografias e biografias dos oradores. Houve também poesia e música.

Núcleo de Aveiro comemora

O núcleo da URAP de Aveiro organizou um jantar, dia 24 de Julho, para assinalar o 50.º aniversário da organização, no qual participaram 56 pessoas, com discursos, música e bolo de aniversário. Aníbal Guerra, membro suplente do Conselho Directivo, fez a intervenção de fundo. Ana Serrano e Manuel Reis, ao violino e guitarra clássica, respectivamente, interpretaram as “Heróicas”, de Fernando Lopes Graça. Foram ainda declamados poemas.



Nesta rubrica, destacamos aspectos da experiência organizativa dos núcleos da URAP espalhados pelo país, que assumem uma parte importante da actividade da organização e da afirmação dos valores democráticos e antifascistas.

Viana do Castelo

Embora houvesse associados da URAP em Viana do Castelo, o núcleo não existia como tal. Porém, nos últimos anos as novas inscrições na URAP permitiram e criaram as condições para a organização de iniciativas com a presença de elementos do Conselho Directivo. Assim, vimos a necessidade da constituição efectiva do núcleo de Viana do Castelo.

Em 30 de Junho realizámos uma reunião para a qual convidamos todos os associados a participar. Dali saiu um grupo de associados (5 elementos) com vista à coordenação das questões organizativas e actividade do núcleo.

O núcleo reúne-se em vários espaços de Colectividades e tem por ora 49 associados, dos quais 27 estão contactados e organizados. Entraram nas fileiras do núcleo recentemente mais três novos associados e no quadro dos 50 Anos da URAP e com uma maior dinamização do núcleo queremos aumentar o número de associados.

O núcleo continua a contactar com associados que mudaram de residência, clarificando situações com todos os elementos necessários para a base central de

dados. Desta forma, saberemos quantos somos efectivamente.

No que respeita à regularização da quotização, apelamos aos associados para procederem ao pagamento da mesma de preferência por transferência bancária.

Estamos nesta fase a criar um plano de actividades do núcleo para reforçar a URAP e realizar iniciativas.

Procuramos também coordenar algumas iniciativas com os núcleos do Porto

e de Braga. Já o fizemos no passado dia 12 de Setembro, no Porto, no âmbito do Encontro sobre o trabalho das Escolas e o 25 de Abril.

Também apelámos aos associados para participarem no Concerto dos 50 Anos da URAP no passado dia 26 de Setembro na Voz do Operário em Lisboa.

O próximo evento será a realização de uma conferência sobre os 90 anos do início da guerra civil de Espanha.



Agualva-Cacém

A criação do núcleo da URAP da cidade de Agualva-Cacém é relativamente recente. Conta com 21 associados que reúnem uma vez por mês. No quadro dos 50 anos da URAP, que tem como objectivo 10 novas inscrições este ano, inscreveram-se já vários novos associados e estamos a trabalhar no sentido de captar sócios entre a juventude.

No que respeita à regularização das quotas, verificamos que praticamente todos os associados têm a quota em dia, o que consideramos muito positivo.

O núcleo está a fazer uma lista com nomes de democratas visando convidá-los a ingressar nas fileiras da URAP, contribuindo, assim, para o seu reforço nas várias áreas de intervenção.

Os associados do núcleo têm participado nas iniciativas centrais da URAP em Lisboa, Caxias, Peniche e Marinha Grande.



Durante o ano de 2026, iremos organizar uma iniciativa em Agualva-Cacém, e consideramos uma lacuna não ter havido ainda, até ao momento, nenhuma agenda para a cidade.

Na área da intervenção nas escolas, fizemos o levantamento de todas as escolas da cidade, e vamos falar com profes-

sores e estudantes a fim de fazer sessões nas escolas no ano lectivo de 2027.

O núcleo da URAP de Agualva Cacém está empenhado, e assumiu o compromisso de reforçar o núcleo, promovendo acções e iniciativas para, desta forma, superar as insuficiências verificadas.

À escuta da Guerra Civil

Convocar uma guerra, seja numa conversa, por escrito ou como exercício de memória, é um gesto profundamente sonoro. É-o, desde logo, pela constante (audível ou imaginada) do som. O som da artilharia, das explosões, dos aviões, do grito; quase como um bordão que é activado automaticamente com a simples enunciação da palavra: guerra. É um som que está gravado na memória de todos nós, seja pela história vivida que perdura nos corpos de tantos homens e mulheres, seja pela partilha através da oralidade e da escrita, seja pelos objectos artísticos que vêm dissecando a guerra ao longo do tempo, seja pelas indústrias culturais que trataram de a fixar no nosso imaginário como um eficaz produto de entretenimento.

Neste último meio raramente encontram expressão todos os outros muitos sons da guerra além daqueles sons designados, reduzidos a efeitos sonoros. E, assim, essas indústrias, as mesmas que continuam a ser usadas também em contexto bélico, vão construindo uma memória sonora da história muito utilmente limitada. A disputa da construção colectiva da memória de uma guerra é, por isso, também sonora. São esses muitos outros sons que podem dar um importante contributo para a batalha da memória da luta antifascista. Sons que nos permitem ouvir os horrores da guerra, mas também os da resistência, da solidariedade, da unidade. Que nos permitem dar tridimensionalidade ao passado e fazer sentido sonoro das descrições que lemos e ouvimos narradas, acrescentando-lhes significado presente. Nos 90 anos da Guerra de Espanha (1936-1939), recuperemos e revisitemos algum desse património sonoro e musical que em Espanha tornou a luta antifascista audível para lá da destruição fascista.

A 22 de Julho de 1936 era criada a banda do Quinto Regimento, dirigida por Rafael Oropesa, militante comunista e dirigente do Sindicato de Autores. A banda actuou em várias frentes de batalha, nomeadamente em Madrid, Jarama, Brune-



te e Ebro, tendo partido para o exílio no México em 1939. Quatro dias. Foi esse o tempo que passou entre a sublevação militar de 18 de Julho e a formação de uma banda de 32 músicos dentro de uma unidade em construção.

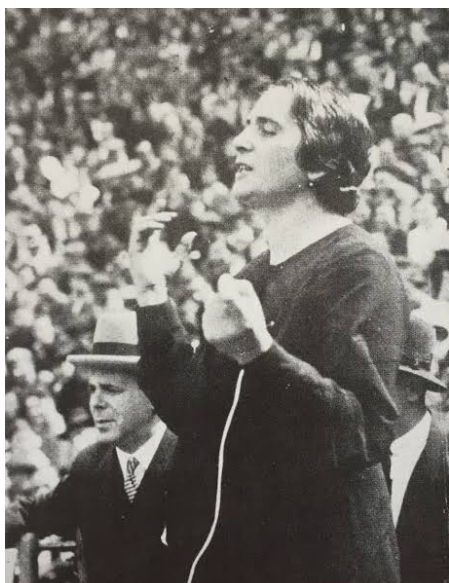
Este episódio, que se repetiu em diferentes formatos por todo o país, é paradigmático de como a música (sobretudo o fazer música em conjunto) não se limitou a existir como acompanhamento sonoro da resistência, mas antes como parte integrante da sua organização. Esse lugar que a música ocupou durante os anos da guerra decorreu de uma impressionante mobilização de dezenas de milhares de pessoas dos movimentos comunista, antifascista, operário, entre outros, nacionais e internacionais, através da qual foi também mobilizada a cultura popular e, com esta, a possibilidade (necessária) de pôr essa cultura como parte integrante da luta antifascista.

Houve, assim, uma grande mobilização do repertório. Melodias conhecidas eram reinterpretadas com novas letras e constituíram-se como um importante veículo de transmissão de ideias, numa lógica de reaproveitamento do repertório inscrito na memória colectiva que se repete por todo o cancioneiro republicano e que ganha expressão em temas tão conhecidos como “El Quinto Regimiento”, de letra anónima sobre um arranjo que Federico García Lorca escrevera para “¡Anda Ja-

leo!”; “Si me quieres escribir”, com nova letra anónima sobre a melodia cantada pelos militares espanhóis na Guerra de África, re-significou por completo a canção dando-lhe um conteúdo oposto; “¡Ay Carmela!”, também de letra anónima, reapropriada de uma canção de data atribuída a 1808, data da Guerra da Independência de Espanha. Os exemplos multiplicam-se e a circulação oral destas canções, a multiplicação das versões e a constante adaptação de muitas destas letras dá-nos conta do papel que o povo teve na mobilização e adaptação do cancioneiro para a frente de guerra.

Este movimento foi ganhando forma material. O Ministério da Instrução Pública, dirigido então pelo comunista Jesús Hernández, editou cancioneiros e promoveu um concurso de canções. Na Catalunha, o musicólogo Otto Mayer-Serra reuniu no Cançoner Revolucionari Internacional (1937) hinos catalães, música de autores revolucionários como Hanns Eisler, Silvestre Revueltas e Rodolfo Halffter, e canções novas como “Las compañías de acero” (letra de Luis de Tapia e música de Carlos Palacio), dedicada a unidades do Quinto Regimento. Multiplicavam-se as impressões e distribuição de pequenos livros de canções, juntando o que o povo cantava ao que se ia criando propositadamente, fazendo ouvir a unidade antifascista a construir-se.

de Espanha (1936-1939)



Com a chegada dos cerca de 30000 voluntários das Brigadas Internacionais, vieram também diferentes repertórios que foram engrossando o esforço de criação musical como instrumento de batalha ideológica, mobilização e unidade. Vários foram os músicos e compositores a rumar a Espanha, oriundos de diferentes países, para combater as forças franquistas. Entre eles, o cantor Ernst Busch e o compositor Hanns Eisler foram dos intervenientes que muito contribuíram para musicar a república e a luta antifascista. “Die Moorsoldaten”, por exemplo, foi uma das canções que trouxeram. Criada entre presos políticos no campo de concentração de Börgermoor, foi transmitida pela voz de Busch num arranjo de Eisler, adoptada pelo Batalhão Thälmann e tornou-se património comum da resistência.

Símbolo maior desta vivência é a criação da “Marcha del Quinto Regimiento” (1937). A 19 de Julho de 1936 teria lugar as Olimpíadas Populares, concebidas em protesto contra os Jogos Olímpicos de Berlim. Eisler, então exilado da Alemanha nazi compusera para o evento o “Himne de l’Olimpíada Popular” (letra de Josep Maria de Sagarra). Eram esperados cerca de cinco mil atletas e o hino deveria ser cantado pelo coro do Orfeó Gracienc. Mas o golpe militar de 18 de Julho obrigou ao cancelamento do evento, sendo que muitos atletas ficaram em Espanha e foram os primeiros voluntários antifascistas estrangeiros a combater pela

república. O hino, que proclamava que os atletas vinham em paz e não para a guerra, esperou seis meses por outra vida. Em Janeiro de 1937, o poeta José Herrera Petere escreveu uma nova letra para a música de Eisler e foi criada a “Marcha del Quinto Regimiento”.

Ernst Busch esteve dezasseis meses em Espanha. Deu dezenas de concertos, cantou frequentemente na rádio, deu voz a várias edições do cancioneiro Canciones de las Brigadas Internacionales e gravou em Barcelona canções de Eisler, Palacio e Paul Dessau. De Dessau cantava “Die Thälmann-Kolonnen” (letra de Gudrun Kabisch). Num dos seus concertos, em Setembro de 1937, na Casa da Cultura de Barcelona, Mayer-Serra apresentou-o com uma conferência intitulada “La música como arma en la lucha antifascista”.

De outros contingentes das Brigadas Internacionais vieram novas canções. Dos britânicos ficou “Jarama Valley” (letra do escocês Alex McDade a partir da música tradicional de “Red River Valley”). Da União Soviética, compositores enviavam para Espanha mais de quarenta canções, ao mesmo tempo que, lá, escreviam sobre o que se passava em Espanha e mostravam solidariedade. Exemplo paradigmático disso é a música incidental de Shostakovich para a peça *Salut, Espanha!* (Aleksandr Afinoguénov), estreada em Leningrado com Madrid cercada. O mexicano Silvestre Revueltas, em Espanha

no Verão de 1937, compôs “México en España” (com letra de Pascual Plá y Beltrán). Esta prática repetiu-se com muitas outras nacionalidades mobilizadas pelas Brigadas para Espanha, dos Estados Unidos da América a Portugal.

Muitos outros sons ficam por explorar e por explorar fica também o contributo da tecnologia para a difusão desta resistência, solidariedade e unidade através da música e do som. A rádio, os meios de amplificação instalados em veículos que percorriam as cidades e os instrumentos de gravação e reprodução contribuíram para que toda esta dinâmica de criação como aspecto crucial da consciencialização, mobilização e unidade ganhasse uma maior dimensão. Muitos sons, canções ou discursos sobrevivem na memória colectiva por terem ficado registados e por existirem, hoje, serviços públicos que cumprem uma função insubstituível. O Archivo de la Palabra da Biblioteca Nacional de Espanha é disso exemplo, conservando uma colecção de canções e discursos deste período. A digitalização em curso, iniciada em 2022, é de acesso livre e gratuito. No Centro Documental da Memoria Histórica de Salamanca é também possível ouvir as gravações de Busch em Barcelona. O álbum *Six Songs for Democracy - Discos de las Brigadas Internacionales* contém um selo por cima da gravação de “Lied der Einheitsfront” que indica que “La impresión defectuosa de este disco se debe a las interrupciones de corriente eléctrica durante un bombardeo aéreo”, concentrando nesse objecto a materialização da memória da guerra que podemos continuar a ver e ouvir. É este serviço público que contraria a memória sonora utilmente limitada das indústrias culturais, devolvendo-lhe a tridimensionalidade e significado presente. Manter viva esta história é um exercício fundamental para a batalha da memória da luta antifascista hoje e no futuro, uma batalha que também é sonora.

Bárbara Carvalho
Musicóloga

Lisboa acolhe XX Congresso da FIR entre os dias 6 e 8 de Novembro

A Federação Internacional de Combatentes da Resistência (FIR) – Associação de Antifascistas, herdeira da Federação Internacional dos Antigos Prisioneiros Políticos (FIAPP) fundada em 1946 no rescaldo da Segunda Guerra Mundial, convidou a URAP a acolher em Lisboa, no mês de Novembro, o seu XX Congresso ordinário. A URAP, que se encontra há largos anos filiada na FIR, aceitou tal convite com grande satisfação, considerando-o como o reconhecimento do trabalho que vem desenvolvendo ao longo dos 50 anos da sua existência, que justamente se comemoram neste ano de 2026.

A FIR tinha como principais tarefas na época da sua criação destruir o fascismo nas suas raízes e promover o legado político dos combatentes da resistência e das vítimas do fascismo, como está referido no “Juramento de Buchenwald”: «Destruir o nazismo nas suas raízes. Criem um novo mundo de paz e liberdade!». Na actualidade, para contrariar o ressurgimento dos grupos fascistas, a FIR documentou a realidade dos crimes fascistas, toma posição contra o neofascismo, o anti-semitismo, o racismo e o terrorismo e as suas raízes sociais e, com base na luta comum contra o fascismo, a FIR e as suas asso-



ciações membros defendem hoje a paz, os direitos humanos políticos e sociais, e a democracia.

Programa*

6 de Novembro: de manhã, reunião da Comissão Executiva da FIR, na sede da URAP; às 17h30; no Auditório da CGTP-IN, sessão comemorativa dos 75 anos da FIR, com os delegados ao Congresso e convidados portugueses e estrangeiros, seguindo-se a atribuição do Prémio Michel Vanderborght a personalidades propostas por várias organizações filiadas na FIR, pelos seus contributos na resistência antifascista, no passado e na actualidade. Uma das personalidades a quem será atribuído o prémio é Domingos Abrantes, pela sua história de vida e luta contra o fascismo, e por continuar activo na resistência antifascista, apesar da sua longevidade.

7 de Novembro: realização do XX Congresso, durante todo o dia, na Escola Secundária de Camões, com a participação de cerca de 50 delegados das várias associações filiadas na FIR, e a presença de convidados nacionais, a cargo da URAP, e estrangeiros, convidados da FIR. A URAP participará com três delegados ao Congresso.

8 de Novembro: de manhã, deslocação dos congressistas a Peniche numa visita ao Museu Nacional Resistência e Liberdade, na Fortaleza de Peniche, com momento político da URAP sobre a luta pela conquista daquele museu e saudação da FIR. Ao final da tarde realiza-se na sede da URAP a primeira reunião da nova Comissão Executiva da FIR, eleita no Congresso. Termina assim um evento que, pela sua responsabilidade e oportunidade, certamente marcará a história da URAP nos tempos mais próximos.

* O programa citado não está aberto à participação pública.

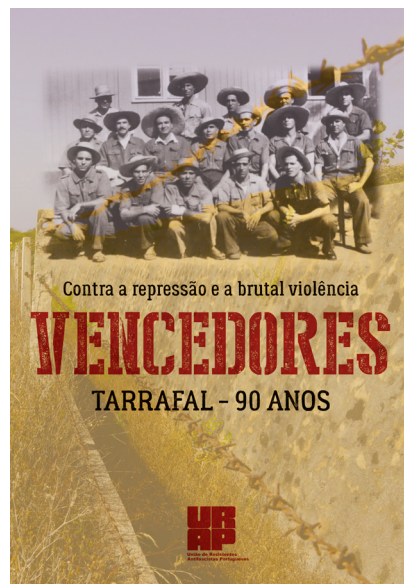
URAP lança livro sobre o Campo de Concentração do Tarrafal

A URAP tem um novo livro. Chama-se “Vencedores” e relata o que foi o Campo de Concentração do Tarrafal (1936-1954). A obra será apresentada em diversas sessões a realizar de norte a sul do país.

Destinado a olhar a História e a revelar o que foi o campo de Concentração do Tarrafal, que abriu há 90 anos, o livro “Vencedores” insere-se na actividade antifascista que a URAP tem vindo a desenvolver.

“Vencedores” é uma edição que apresenta informação sobre o Campo, e dá a conhecer depoimentos de familiares de tarrafalistas, fotos, desenhos, documentos, alguns dos quais já conhecidos e outros inéditos, tudo isto em resultado de um trabalho prolongado de pesquisa e elaboração que, não sendo académico, tem como objetivo dar a conhecer a mais leitores e a outras gerações o que significou a opressão e a crueldade do regime fascista e a criação do Campo de Concentração, que seguiu o modelo nazi.

“Vencedores” junta-se assim a outros livros que a URAP já publicou no intuito de combater o esquecimento, o branqueamento, a reescrita da História e até a negação levada a cabo pelos derrotados do fascismo e do colonialismo.



Nos 50 anos da URAP, actualiza e regulariza a tua quota
através do teu núcleo ou do
NIB 0007 0021 0014 3750 00653

[www.URAP.pt](http://www.urap.pt)
www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses
www.instagram.com/urap_resistentes.antifascistas

